

profissionais mais especializados. Apesar de ser a anemia hemolítica por defeito intrínseco da membrana mais comum, ainda é uma doença rara e por vezes pouco estudada pelos não hematologistas. O diagnóstico dessa patologia é importante para evitar complicações, indicar um tratamento adequado em tempo oportuno e oferecer um aconselhamento genético.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2024.09.1836>

ATUAÇÃO DE ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM DIANTE DE UMA NOVA TECNOLOGIA EM UM HOSPITAL REFERENCIA EM HEMTORAPIA E HEMATOLOGIA NO ESTADO DO AMAZONAS: RELATO DE EXPERIENCIA

BS Souza^a, KC Rodrigues^b, JGB Gimenez^b, MM Souza^b, FOC Carminé^b, MRD Nascimento^b, SRL Albuquerque^b, MVC Fernandes^b, MJD Coêlho^b

^a Centro Universitário do Norte (UNINORTE), Manaus, AM, Brasil

^b Fundação Hospitalar de Hematologia e Hemoterapia do Amazonas (HEMOAM), Manaus, AM, Brazil

Introdução: A coleta de sangue por aférese permite doação seletiva e de múltiplos componentes de um único doador, em quantidade e qualidade superior à obtida na doação de sangue total. Diante de tantos estudos e inovações na área da hematologia e hemoterapia, a doação por aférese vem sendo amplamente utilizada na medicina transfusional, assim como no tratamento de várias doenças e contribuem para a manutenção do estoque e atendimento da demanda transfusional, que cresce a cada ano. **Objetivo:** Descrever a atuação de acadêmicos de Enfermagem em um Hospital de sangue referência em tratamento e transfusões no estado do Amazonas. **Metodologia:** O trabalho consiste em um estudo descritivo, pautado em um relato de experiência de acadêmicos de enfermagem, no procedimento de aférese na Fundação HEMOAM que atua na cidade de Manaus/Amazonas. **Resultados:** No decorrer do estágio, os acadêmicos fizeram parte do acompanhamento dos doadores de plaquetas por aférese, durante as triagens, que envolve a aferição dos sinais vitais, onde foram aferidos a pressão arterial, verificação do peso do doador, feito hematócritos, entrevistas com enfermeiros, depois calculado os parâmetro do doador para comparação se estão de acordo com que é estabelecido pela portaria de consolidação nº5, de 28 de setembro de 2017, para extração de plaquetas, e o procedimento de doação de plaquetas por aférese é realizado na sala de coleta, além disso outro procedimento muito realizado através aférese são a extração de plaquetas ou outros componentes em excesso de pacientes onco-hematológicos, ambos procedimentos realizados através do equipamento Haemonetics® MCS 9000. **Conclusão:** As experiências adquiridas no HEMOAM foram essenciais para o amadurecimento dos acadêmicos em diversos cenários de atuação. Observa-se que com avanço de novas tecnologias os novos procedimentos exigem conhecimento e é

fundamental na formação acadêmica que seja habilidades, liderança e a capacidade de tomar decisões no ambiente profissional, se adequando com os avanços das tecnologias na medicina.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2024.09.1837>

PERCEPÇÃO SOBRE A DOENÇA FALCIFORME: AVALIAÇÃO ENTRE ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA

LAC Castro^a, C Fonseca^a, CG Barbosa^a, JRD Ferreira^a, MS Gonçalves^b, EV Adorno^a

^a Faculdade de Farmácia (FAR), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, BA, Brasil

^b Instituto Gonçalo Moniz (IGM), Fundação Oswaldo Cruz Bahia (FIOCRUZ-BA), Salvador, BA, Brasil

O objetivo desse estudo foi avaliar o conhecimento dos estudantes de graduação dos cursos de saúde e de licenciatura da Universidade Federal da Bahia (UFBA), pela aplicação de questionário de acesso remoto, contendo 23 perguntas gerais e de conhecimento mais específico sobre a DF, veiculado por mídias digitais, após aprovação pelo CEP. Entre os estudantes de graduação da área de saúde, os que tiveram maior participação foram os do Curso de Farmácia (62,6%), seguidos dos estudantes do curso de Ciências Biológicas (19,2%); a frequência foi maior no sexo feminino, a idade média foi de 25 anos, com a maioria preta e que cursavam entre o 4^o e o 7^o semestre. Sobre a DF, 50% não sabiam a diferença entre DF e anemia falciforme (AF); as manifestações clínicas foram reconhecidas pela maioria dos participantes, com pelo menos 1 (um) sintoma (90%), sendo o mais prevalente a anemia (86,7%) e mais de 80% desconheciam a existência da Política Nacional de Atenção Integral às Pessoas com DF. Entre os estudantes de licenciatura, os do curso de geografia foram os que mais participaram (51,4%), seguidos dos estudantes de Computação (11,4%), com frequência maior entre o sexo feminino, n idade média de 23 anos, a maioria parda, cursando entre o 3^o e 12^o semestre. Apesar da maioria (97%) relatar conhecimento sobre a DF, 94% não sabiam a diferença DF e AF. Neste grupo, a anemia foi a manifestação clínica mais citada (84%) e a maioria (91%) desconhecia a existência da Política Nacional de Atenção Integral às Pessoas com DF. A doença falciforme (DF) é uma condição genética comum no Brasil, com incidência e w prevalência elevadas na população afrodescendente, especialmente na Bahia, onde é estimado o nascimento de 1 (uma) pessoa com DF a cada 650 nascidos vivos. A DF é caracterizada pela presença da hemoglobina variante S (HbS) associada a outra hemoglobina variante (S, C, D, etc.) ou a talassemia beta. Entretanto, a anemia falciforme (AF) é decorrente da homozigose para a HbS (HbSS). A DF é considerada um desafio em saúde pública mundial e apresenta quadro clínico caracterizado por anemia hemolítica crônica grave, retardo no crescimento, episódios de vaso oclusão, dentre outros. Assim, os resultados reforçam o pouco ou nenhum conhecimento sobre a DF entre os estudantes de graduação da UFBA, mesmo entre aqueles da área de saúde. Com

base no exposto, concluímos pela necessidade de ampliar as discussões sobre o tema, com inclusão desta pauta entre os conteúdos abordados nos cursos, possibilitando a formação acadêmica adequada aos futuros profissionais de saúde e professores, os quais lidarão cotidianamente com pessoas com DF que precisam de atenção, cuidados plenos e de uma equipe multiprofissional, principalmente em uma região de prevalência elevada, como o estado da Bahia.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2024.09.1838>

ANEMIA HEMOLÍTICA AUTOIMUNE COMO MANIFESTAÇÃO CONCOMITANTE À TIREOIDITE DE HASHIMOTO: UM RELATO DE CASO

LMLS Silva, IM Vicópulos, LR Lanna, RG Figueiredo, PGM Mais, PC Gontijo

Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais (FCM-MG), Belo Horizonte, MG, Brasil

Introdução: A tireoidite de Hashimoto é uma doença autoimune em que ocorre destruição do parênquima tireoidiano por meio de processos imunomediados, gerando hipotireoidismo. Sua incidência é 10 a 15 vezes maior em mulheres do que em homens. Tal fato, aliado à maior susceptibilidade da população feminina a doenças autoimunes, revela a possibilidade da associação da tireoidite de Hashimoto a outras manifestações de natureza autoimune, como a anemia hemolítica autoimune, caracterizada pela ação de anticorpos contra hemácias. Na literatura atual, constam poucos relatos da associação de ambas as doenças, o que justifica a importância do presente estudo. **Objetivo:** Relatar um caso de hemólise causado por tireoidite de Hashimoto em paciente de 35 anos previamente hígida. **Método:** A pesquisa foi realizada com base em dados fornecidos pela participante da pesquisa, bem como revisões em exames e laudos disponibilizados pela paciente. O contato com a participante foi realizado após a alta. **Relato de caso:** Mulher, 35 anos, com diagnóstico de tireoidite de Hashimoto, em tratamento com uso de Puran 50mg, queixou-se de astenia associada a queda de cabelo, dispnéia aos grandes esforços e fadiga há 1 ano. Procurou atendimento médico após dispnéia enquanto limpava a casa associada a icterícia e mucosas hipocoradas. Durante o atendimento médico foi realizado exames de sangue que constatarem anemia, porém recebeu alta com recomendação de hidratação. No mesmo dia a paciente foi atendida em outro hospital, devido a persistência dos sintomas, quando foi internada em decorrência de valores de hemoglobina de 2.8 g/dL e anticorpos Anti-TPO de 1300 UI/mL ao exame de sangue. Durante a internação foi tratada com transfusão sanguínea e pulsoterapia. Após a alta, faz o tratamento com uso de Puran 50mg, Prednisolona 20 mg 3× ao dia e Ácido fólico 5mg e com 15 dias de alta, valores de hemoglobina atingiram 12 g/dL. **Discussão:** Na literatura, é possível evidenciar a associação da tireoidite de Hashimoto com outras manifestações ou doenças autoimunes. Apesar de rara, a anemia hemolítica autoimune é uma possível manifestação. O presente caso é um exemplo desse fenômeno, já que a paciente apresenta um quadro

clássico de tireoidite de hashimoto e durante o tratamento apresentou uma variável de doença autoimune com a manifestação da anemia hemolítica sem qualquer fator desencadeante. **Conclusão:** Em suma, a documentação de casos em que há associação da tireoidite de Hashimoto com a anemia hemolítica autoimune é capaz de orientar profissionais da saúde a prever a possibilidade de quadros de hemólise durante o tratamento da doença tireoidiana. Assim, o tratamento do paciente pode ser otimizado, como foi feito no caso relatado, e complicações são possivelmente evitadas.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2024.09.1839>

PREVALÊNCIA DE LINFOMAS DE HODGKIN E LINFOMAS NÃO HODGKIN EM PACIENTES DE HOSPITAL ONCOLÓGICO DE REFERÊNCIA NA PARAÍBA DE 2019 A 2023 DE ACORDO COM ETNIA

YGS Medeiros^a, GGD Nóbrega^a, JFM Viana^a, LGL Leite^a, MAOM Teixeira^a, NMES Alves^a, EUG Barbosa^a, MBF Pimenta^b, FCF Pimenta^c

^a Faculdade de Medicina Nova Esperança (FAMENE), João Pessoa, PB, Brasil

^b Secretaria Municipal de Saúde de João Pessoa, João Pessoa, PB, Brasil

^c Hospital Napoleão Laureano, João Pessoa, PB, Brasil

Objetivos: Analisar a prevalência dos diagnósticos linfoma de Hodgkin e Não-Hodgkin com a variável etnia dos pacientes atendidos em hospital de referência oncológica da Paraíba, entre os anos de 2019 e 2023. **Material e métodos:** Trata-se de um estudo observacional, individual e transversal por meio de 251 prontuários de pacientes diagnosticados com Linfoma de Hodgkin e Não-Hodgkin com a comparação de variáveis independentes. As análises foram feitas a partir do teste Qui-quadrado de Aderência. **Resultados:** Observando os resultados, percebe-se uma prevalência de diagnósticos de Linfomas Não-Hodgkin sobre os Linfomas de Hodgkin, e de ambas as classificações de linfomas na etnia parda. Quanto aos diagnósticos de Linfoma não-Hodgkin, a etnia parda conta com 166 casos enquanto a etnia branca conta com apenas 37. Dos diagnósticos de Linfoma de Hodgkin, 40 casos foram contabilizados na etnia parda, cinco vezes mais que na etnia branca, que contava com 8 casos. **Discussão:** A neoplasias linfoides mais numerosas são aquelas classificadas como Linfomas não-Hodgkin. Logo, é compreensível que seus diagnósticos sejam mais numerosos quando comparados àqueles de Linfomas de Hodgkin, observando numericamente: dos 251 prontuários analisados, 203 correspondem aos Linfomas Não-Hodgkin. Outra observação a se fazer é a prevalência dos diagnósticos dos dois tipos de linfomas na etnia parda, muito provavelmente por ser a etnia mais comum no estado da Paraíba, onde foi realizado o estudo. A literatura indica que fatores como predisposição genética, condições socioeconômicas e acesso a serviços de saúde influenciam as taxas de incidência. Esses dados podem refletir tanto essas variáveis complexas, como as características demográficas da região.